





UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ENTRE ENCONTROS, (DES)FORMAÇÕES E INVENÇÕES



MANAUS/AM
2024

ALESSANDRA NASCIMENTO AGUIAR

ENTRE ENCONTROS, (DES)FORMAÇÕES E INVENÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado como exigência para avaliação
parcial da disciplina Pesquisa e Prática
Pedagógica II, do curso de Licenciatura em
Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra.
Caroline Barroncas de Oliveira.

MANAUS/AM
2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

A283e

Aguiar, Alessandra Nascimento

Entre encontros, (des)formações e invenções / Alessandra Nascimento Aguiar . Manaus : [s.n], 2024.

54 f.: color.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

Orientador: Oliveira, Caroline Barroncas de.

1. Filosofia da diferença. 2. Escola. 3. Professora em formação. 4. Encontro. I. Oliveira, Caroline Barroncas de (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)37.013

ALESSANDRA NASCIMENTO AGUIAR

ENTRE ENCONTROS, (DES)FORMAÇÕES E INVENÇÕES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado do Amazonas, como parte das exigências para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Manaus, 16 de julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Caroline Barroncas de Oliveira
Orientadora (UEA)



Profa. Dra. Mônica de Oliveira Costa
Membro da banca (UEA)



Profa. Ma. Monica Silva Aikawa
Membro da banca (UEA)

E RESISTENTES COMO A ÁGUA...

**SER CAPAZ, COMO UM RIO QUE LEVA SOZINHO A CANOA QUE
SE CANSA,
DE SERVIR DE CAMINHO PARA A ESPERANÇA.**

**E DE LAVAR DO LÍMPIDO A MÁGOA DA MANCHA, COMO O RIO QUE
LEVA, E LAVA.**

CRESCER PARA ENTREGAR NA DISTÂNCIA CALADA UM PODER DE
CANÇÃO,
COMO O RIO DECIFRA O SEGREDO DO CHÃO.

SE TEMPO É DE DESCER, RETER O DOM DA FORÇA
SEM DEIXAR DE SEGUIR.

E ATÉ MESMO SUMIR, PARA, SUBTERRÂNEO, APRENDER A
VOLTAR
E CUMPRIR, NO SEU CURSO, O OFÍCIO DE AMAR.

COMO UM RIO, ACEITAR ESSAS SÚBITAS ONDAS
DE ÁGUAS IMPURAS QUE AFLORAM A ESCONDIDA VERDADE NAS
FUNDURAS.

COMO UM RIO, QUE NASCE DE OUTROS, SABER SEGUIR,
JUNTO COM OUTROS SENDO E NOUTROS SE PROLONGANDO
E CONSTRUIR O ENCONTRO COM AS ÁGUAS GRANDES DO
OCEANO SEM FIM.

MUDAR EM MOVIMENTO, MAS SEM DEIXAR DE SER O MESMO
SER QUE MUDA.
COMO UM RIO.

THIAGO DE MELLO

AGRADECIMENTOS

Agradecer é verbo transitivo direto, bitransitivo e intransitivo e significa demonstrar gratidão. A minha gratidão se estende aos meus pais Paulo Victor e Jacqueline por todo amor e dedicação. Aos meus avós Paulo e Iolanda pela constante preocupação e cuidado. A minha irmã Caroline Farias que mesmo a quilômetros de distância se faz tão presente.

Agradeço “a minha pessoa” Kemilly Carvalho Paz desde que a conheci tem me apoiado em tudo. O nosso encontro me afetou por toda a minha vida, sem você nada seria possível.

Meus agradecimentos aos meus amigos e amigas Bianca Luniere, Fernanda Freitas, Joyce Cristina G. de Souza, José Roberto Castro, Cintia Dias da Silva, Marcelo Sérgio e Mathias Bernard pelo amor, apoio e companheirismo em todos os momentos nesta caminhada.

Agradeço a professora Vanderlete Pereira e o professor Vicente Aguiar pelo percurso acadêmico e as aulas que contribuíram para a minha formação.

O maior agradecimento é direcionado a minha orientadora Caroline Barroncas, sem seu olhar sensível não conseguiria escrever a minha monografia. A sua dedicação é maior que muitas montanhas e seu amor pela educação não caberia nem em todos os oceanos. O nosso encontro produziu em mim a maior das instabilidades e a mais bela das criações.

Agradeço a Universidade do Estado do Amazonas, a Escola Normal Superior e ao Curso de Licenciatura em Pedagogia por me proporcionar esta oportunidade.

RESUMO

As ideias de escola são diversas e exprimem as visões que a constituem, seu modo de ser e estar no mundo. Ao focar no encontro entre a professora em formação e as ideias de escola, propõe-se uma cartografia sensível a partir dos afetos produzidos nas práticas formativas de professores, das práticas pedagógicas, da dinâmica organizacional e do cotidiano escolar. Assim, o objetivo dessa investigação foi o de problematizar as ideias de escola a partir da Filosofia da Diferença no encontro dos objetos dispositivos (LEPETE, Trajeto, Escola) com a professora em formação. Então, com o estudo das seguintes obras dos autores Barros (2015, 2016), Costa (2014), Deleuze (2006), Filho e Teti (2013), Gallo (2003, 2010), Grisotto (2022), Lispector (1999), Nunes (2009), Oliveira (2018), Paraíso (2009), Silva (2010) e Zordan (2010) podemos estudar a Filosofia da Diferença, o conceito de objetos dispositivos e constituir as narrativas dos objetos dispositivos (LEPETE, Trajeto, Escola). A base epistemológica adotada foi o pós-estruturalismo, uma corrente teórica que se propõe a desconstruir as narrativas lineares e hierárquicas, na qual segui em um caminho cartográfico, mas não o de manter os registros de informações existentes, e sim o ato de criar novos dados ao se adentrar no campo pesquisado. Na minha jornada de estudo, ao refletir sobre os diferentes modos de vida que coexistem na escola da diferença, cada um respira através dos objetos-dispositivos. Os atravessamentos não se constituíram de forma mecânica, os encontros foram vivos, assim as ideias se entrelaçam em mim e se desfazem à medida que me propus a contorcer a ideia única de um modo de vida da escola ao olhar pela lente da Filosofia da Diferença as múltiplas existências da/na escola. Portanto, foi possível reconhecer os outros modos de vida que compõem a escola e o processo formativo docente, habitados nos objetos dispositivos a partir dos atravessamentos na formação de uma professora.

Palavras-Chave: Filosofia da Diferença; Escola; Professora em formação.

ABSTRACT

School ideas are diverse and express the visions that constitute it, its way of being and being in the world. By focusing on the encounter between the teacher in training and the ideas of school, a sensitive cartography is proposed based on the affections produced in teacher training practices, pedagogical practices, organizational dynamics and daily school life. Thus, the objective of this investigation was to problematize the ideas of school based on the Philosophy of Difference in the encounter of dispositive objects (LEPETE, Path, School) with the teacher in training. So, with the study of the following works by the authors Barros (2015, 2016), Costa (2014), Deleuze (2006), Filho and Teti (2013), Gallo (2003, 2010), Grisotto (2022), Lispector (1999) , Nunes (2009), Oliveira (2018), Paraíso (2009), Silva (2010) and Zordan (2010) we can study the Philosophy of Difference, the concept of dispositive objects and constitute the narratives of dispositive objects (LEPETE, Trajeto, Escola). The epistemological basis adopted was post-structuralism, a theoretical current that proposes to deconstruct linear and hierarchical narratives, in which I followed a cartographic path, but not that of maintaining records of existing information, but rather the act of creating new ones. data when entering the researched field. On my journey of study, when reflecting on the different ways of life that coexist in the school of difference, each one breathes through the objects-devices. The crossings were not constituted in a mechanical way, the encounters were lively, so the ideas intertwine within me and fall apart as I set out to contort the unique idea of a school way of life by looking through the lens of the Philosophy of Difference at multiple existences of/at school. Therefore, it was possible to recognize the other ways of life that make up the school and the teacher training process, inhabited in device objects based on the crossings in the training of a teacher.

Keyword: Philosophy of Difference; school; teacher in training.

SUMÁRIO

CONVITE AO ENCONTRO	11
ENCONTRO 1 – ESCRITAS INVENTIVAS, FORMAÇÃO DOCENTE E A FILOSOFIA DA DIFERENÇA	16
ENCONTRO 2 - O PONTO DE PARTIDA	32
ATÉ UM PRÓXIMO ENCONTRO	49
REFERÊNCIAS	51

CONVITE AO ENCONTRO

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo.
 Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco.
 Não demais: mas pelo menos entender que não entendo.
 (Clarice Lispector, 1999, p. 108)

O não entendimento das coisas por vezes está associado a uma certa limitação de conhecimentos. A escritora Lispector em sua crônica vislumbra o não entender como algo vasto e que ultrapassa fronteiras, o senso de completude aqui se aproxima ao fato de não entender. Busco com esse trabalho não entender, para que as limitações impostas pelo entender sejam transpostas e que a inquietação de entender um pouco mais seja latente em todo o corpo-texto. É nesse movimento que me coloco como uma personagem nessa escrita em conjunto com alguns convidados que ao longo dos 4 anos e meio de curso venho encontrando-me com certa frequência. A convivência é tão intensa que já não sei dizer se sou eu quem falo ou eles neste momento, pois cada um deles vibra em meu corpo de professora em formação.

O encontro é a manifestação de mim como uma professora em formação com os estudos da Filosofia da Diferença, das epistemologias presentes ao longo da minha trajetória acadêmica, as ideias de escola nascidas tanto do estudo teórico quanto das vivências de estágios e do projeto realizado pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação - LEPETE. O encontro aqui se coloca “como um rio, que nasce de outros, saber seguir, junto com outros sendo e noutros se prolongando e construir o encontro com as águas grandes do oceano sem fim. Mudar em movimento, mas sem deixar de ser o mesmo ser que muda. Como um rio” (Thiago de Mello, 2005, p.25).

E nesse desejo de escuta desses encontros-rios, questiono: De que modo as ideias de escola são constituídas no encontro dos objetos-dispositivos com a professora em formação? Quais são os conceitos teóricos da Filosofia da Diferença, de objetos dispositivos e de produção de escrita inventiva? Quais as narrativas dos objetos dispositivos (LEPETE - trajeto, escola)? Quais os outros modos de vida que

compõem a escola da diferença habitados nos objetos dispositivos a partir dos atravessamentos na formação de uma professora?

O objetivo geral desta escrita é de problematizar as ideias de escola a partir da Filosofia da Diferença no encontro dos objetos-dispositivos (LEPETE, trajeto, escola) com a professora em formação. Assim, os objetivos específicos são de estudar a Filosofia da Diferença, o conceito de objetos dispositivos numa produção de escrita inventiva de uma professora em formação. Além de constituir as narrativas dos objetos dispositivos (LEPETE, trajeto, escola) e refletir outros modos de vida que compõem a escola da diferença habitados nos objetos dispositivos a partir dos atravessamentos na formação de uma professora.

O encontro entre mim, uma professora em formação, e os objetos-dispositivos foi traçado no momento em que eu cruzei os portões da universidade. A possibilidade do nosso encontro nasce do acesso à universidade, sendo o meu primeiro objeto-dispositivo o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE). Nele existe um universo a ser constituído pelas vivências e experiências em docências.

O segundo objeto-dispositivo em minha jornada é o trajeto. O trajeto representa não apenas o caminho físico que percorro do LEPETE até a escola, mas também o caminho que constitui minha trajetória acadêmica. A cada passo, cada curva, cada encontro e desencontro no trajeto os estudos realizados sobre a filosofia da diferença, as ideias de escola presentes nas epistemologias do curso de Pedagogia, nas experiências no estágio e no LEPETE contribuem para a minha experiência em um devir-professora¹, pois “todo devir é uma porta que precisamos atravessar, é um muro que precisamos quebrar e fugir para um lugar antes desconhecido e encontrarmos ali possibilidades que jamais encontraríamos se estivéssemos sozinhos, sem aliança, sem multiplicidades” (Oliveira, 2018, p. 20). O trajeto não é apenas um meio de chegar ao destino, mas sim uma parte importante da jornada, repleta de oportunidades de aprendizagens e experiências.

Por fim, a escola como um insubstituível objeto-dispositivo em minha formação. Além de ser um local físico formado por aulas e atividades acadêmicas de quem se forma em um curso de Licenciatura em Pedagogia, a escola como uma

¹ O devir-professora é contínuo, não é apenas assumir o papel de professora, mas o movimento de entendimento sobre como crescer e aprender ao longo do tempo é dinâmico. O sentimento de inacabamento do ser professora.

ideia, formada por professores, alunos e conhecimentos teóricos e práticos. O chão da escola, termo da epistemologia crítica, vibra por suas vivências serem dinâmicas e como as experiências se entrelaçam e as ideias de escola ganham representações em um mundo alicerçado pelo sujeito moderno. Ao ingressar nesse espaço, mergulho em um mundo de possibilidades e oportunidades, buscando compreender as possíveis representações de escola e como se constituem. Ao olhar a escola não apenas de uma maneira uno, mas um olhar de multiplicidade.

Após a breve apresentação dos objetos-dispositivos quero adentrar ainda mais profundamente em suas nuances e significados. Para essa narração, me proponho a estudar o método da cartografia pelo olhar da Filosofia da Diferença e de uma escrita inventiva. A cartografia sugere não apenas uma simples observação, mas um conhecimento ativo e o mapeamento do território do tornar-se professora. Assim, segundo os autores Filho e Teti (2013) o primeiro entendimento da cartografia é:

A cartografia tradicional encontra-se ligada ao campo de conhecimento da geografia e busca ser um conhecimento preciso, fundado em bases matemáticas, estatísticas, contando com instrumentos e técnicas sofisticadas. Sua especialidade é traçar mapas referentes a territórios, regiões e suas fronteiras, demarcações, sua topografia, acidentes geográficos, como pode ainda tratar da distribuição de uma população em um espaço, mostrando suas características étnicas, sociais, econômicas, de saúde, educação, alimentação, entre outras. O mapa como representação de um território e das características de uma população é um instrumento fundamental da Geografia física e da Geografia humana, a Demografia (p. 47).

A abordagem cartográfica, tradicionalmente vinculada à geografia, passa por uma reconfiguração proposta por Deleuze. Enquanto a cartografia clássica se concentra na representação precisa e estatística de territórios e populações, a cartografia sob a ótica da diferença busca romper com essas fronteiras e demarcações fixas.

Nessa nova perspectiva, o mapa não é apenas uma reprodução objetiva do espaço físico e social, mas sim um desenho das multiplicidades e diversidades que o compõem. A ênfase não está apenas na topografia e distribuição demográfica, mas também na complexidade das experiências que habitam esse espaço. É um convite para uma jornada de descoberta e reconhecimento das múltiplas camadas que constituem nossa realidade, abrindo espaço para novas narrativas, perspectivas e possibilidades de entendimento e inclusão.

O conceito, inicialmente retirado da geografia, é transposto para os campos da filosofia, política e subjetividade. O que os filósofos querem é pensar a realidade através de outros dispositivos que não os apresentados tradicionalmente pelos discursos científicos, valorizando aquilo que se passa nos intervalos e interstícios, entendendo-os como potencialmente formados e criadores de realidade (Costa, 2014, p. 69-70).

A transposição do conceito de cartografia dos domínios da geografia para a filosofia, política e subjetividade representa uma ampliação do seu alcance e significado. Sob a perspectiva da Filosofia da Diferença, essa transição enfatiza a importância dos "intervalos e interstícios" como locais de emergência e criação de novas formas de realidade. Valorizando a multiplicidade da experiência humana, a cartografia da diferença desafia as estruturas tradicionais de conhecimento e poder, convidando-nos a repensar as formas de interação com o mundo e a celebrar as diferenças como fontes de enriquecimento e transformação.

Ao indicar uma busca por novas perspectivas e abordagens na construção dessas constituições, inspirando-me a enxergar esses objetos-dispositivos não como pontos fixos, mas como territórios em constante movimento e transformação. Na minha jornada, minha escrita se torna uma aliada, fluindo com a Filosofia da Diferença, capturando a diversidade de vozes e experiências que compõem minha narrativa. Cada palavra é um convite à reflexão, uma ponte para o entendimento mútuo e uma celebração da riqueza da diferença.

O pesquisador-cartógrafo é também parte da geografia a qual se ocupa – não se pode, em uma pesquisa cartográfica, situar o campo de pesquisa como algo que estaria “lá” e o pesquisador “aqui”. A cartografia, neste sentido, é uma prática de pesquisa suja, distante da assepsia e da limpeza que método científico positivista nos propõe. O cartógrafo, ao estar implicado no seu próprio procedimento de pesquisa, não consegue (e não deseja) manter-se neutro e distante – eis o sentido de sujeira aplicado à sua prática. Ele se mistura com o que pesquisa, e isto faz parte de sua cartografia. A cartografia se ocupa dos caminhos errantes, estando suscetível a contaminações e variações produzidas durante o próprio processo de pesquisa. A cartografia exige do pesquisador posturas singulares. Não coleta dados; ele os produz. Não julga; ele coloca em questão as forças que pedem julgamento. A cartografia ocupa-se de planos moventes, de campos que estão em contínuo movimento na medida em que o pesquisador se movimenta. Cartografar exige como condição primordial estar implicado no próprio movimento de pesquisa. A sujeira é essa mistura necessária (Costa, 2014, p. 71).

Ao sujar-me no método cartográfico reconheci a importância de conhecer minha própria pesquisa em profundidade, com singularidades. Ao ponto que o

movimento que farei é adentrar sem julgamentos e sem o desejo de coletar dados. Na criação de dados, nas realidades moventes, na escrita pulsante e no desejo de pesquisar que irei me guiar.

A cartografia não é feita apenas de registros com informações existentes, mas o ato de criar novos dados ao se sujar com o campo pesquisado. A minha motivação como pesquisadora não deve ser apenas de cumprir em um passo a passo o método. O desejo predominante que conduz a pesquisa é o de sentir o plano, o território, o lugar que se localiza o estudo. Na força criadora é possível se orientar, mas também alimentar um compromisso com o objeto de estudo com proximidade.

Ao adotar essa abordagem cartográfica, não apenas busco compreender esses elementos em sua totalidade, mas também me abro para as possibilidades criativas e libertadoras que eles oferecem em minha jornada como educadora em formação. É através desse olhar sensível e inventivo que busco desbravar novos horizontes. E assim entender “não demais: mas pelo menos entender que não entendo” (Lispector, 1999, p. 108).

O fato de entender que não entendo é precioso. A falta de entendimento relembra sempre limitações, mas aqui proponho indicar outro caminho de não limitações, por saber que não se entende e que se busca entender. O caminho para o entender nasce desse fato de não entendimento, as nossas fronteiras só podem ser ultrapassadas se tiver inquietações. Ao escutar a voz dos objeto-dispositivos para entender um pouco mais sobre as ideias de escola e problematizá-las a partir da Filosofia da Diferença. O convite para que o leitor possa ler e conhecer tanto os objetos-dispositivos quanto as ideias que nascem de nosso encontro.

O primeiro encontro se faz no meu debruçar no estudo da filosofia da diferença, suas significações, suas singularidades, suas raízes e sua alteridade. Nesse encontro eu busco entender como ela nasceu, suas diferenças com a filosofia moderna, suas vontades, suas criações e sua permanente vontade de romper. O segundo encontro é permeado por mim e pelos objetos-dispositivos num emblemático desejo de problematizar as ideias de escola, as vozes dos objetos-dispositivos serão ouvidas e questionadas. Sentirei e espero ser sentida por você leitor(a).

Sejam bem-vindos e bem-vindas ao ENCONTRO!

ENCONTRO 1 – ESCRITAS INVENTIVAS, FORMAÇÃO DOCENTE E A FILOSOFIA DA DIFERENÇA

Eu queria usar palavras de ave para escrever.
Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem nomeação.
Ali a gente brincava de brincar com palavras tipo assim:
Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!
(Barros, 2015, p. 13)

Nesse encontro eu vou caminhar pelas palavras que se fazem a filosofia da diferença. Eu queria usar palavras de ave para escrever como Manoel de Barros, ultrapassar minhas limitações através de outras palavras não humanas. No decorrer da escrita me proponho a escrever sobre minha própria escrita ou melhor a escrita como algo vivo, os sentidos que dei para a escola quando era criança, adolescente e enquanto professora em formação e de forma breve sobre a filosofia da diferença, pois para falar sobre a filosofia da diferença de forma profunda precisaria um longo estudo e uma insistente dedicação.

Ao ler o poema de Manoel de Barros, “Menino do Mato”, logo se sente uma expressão da filosofia da diferença, apesar de não saber se essa era a intenção do escritor. A ausência de nomeação para o lugar onde as crianças brincam ressalta a ideia que não pode ser contida as vivências humanas em rótulos ou conceitos fixos.

Assim, através do poema faço um convite para me ver através da leitura, questionar as percepções da realidade e explorar as múltiplas camadas de significado que estão além das palavras e das convenções sociais. No intuito de enxergar a beleza e o mistério que permeiam o mundo ao nosso redor, mesmo nos lugares mais improváveis e nas experiências mais cotidianas.

Existem diferentes filosofias, no entanto em minha escrita me deterei a discorrer sobre a Filosofia da Diferença, suas multiplicidades e sua oposição ao conceito de unidade. A valorização da diversidade, das diferenças, das possibilidades, dos modos de existências e como perpetuam todo o seu conceito e integram as raízes de seu rizoma. A escola sendo um organismo vivo possui singularidades e diferenças, pode ser compreendida a partir da filosofia da diferença.

A vontade de escrever sobre o viés da Filosofia da Diferença nasceu através dos encontros que tive com o professor Vicente Aguiar na iniciação científica quando tive a oportunidade de conhecer Henri Bergson e sua obra *Matéria e Memória*: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito e com a professora Vanderlete

Pereira com a Sociologia da Infância e a Decolonialidade, assim surgiu uma nova perspectiva pode ser vista por mim sobre a filosofia. Por consequência tive o desejo de sair do convencional, assim ao me encontrar com a professora Caroline Barroncas de Oliveira e o pós-estruturalismo fui feliz e comecei a caminhada que se faz desde do primeiro encontro e se estende a escrita que busco na Filosofia da Diferença.

No entanto, assim como as crianças brincavam de brincar com palavras, quero brincar com você leitor alternando e contrapondo as diferenças entre a filosofia da diferença e a filosofia moderna. Nesse movimento de sentir como cada uma tem suas bases e singularidades, jamais um movimento de superioridade ou eliminação do outro, percebendo como um prioriza a multiplicidade e o outro a unidade. Assim como a frase “hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!” de Manoel de Barros, para entender a filosofia da diferença, precisasse recorrer a criação como conceito.

A filosofia da diferença surgiu na obra *Diferença e Repetição* (2006) de Gilles Deleuze, como uma abordagem que busca se opor às concepções tradicionais e normativas, propondo uma reflexão profunda sobre a multiplicidade de singularidades que compõem a experiência humana. Ao realizar essa reflexão pude perceber como as diferenças se encontram de forma mais aparente quando tem de forma delineada os padrões e as determinações de ser e existir.

Ao falar dessa filosofia da diferença é importante conhecer seu inventor, criador e escritor, é como seus conceitos foram inventados, criados e escritos a partir de um estudo do passado e das filosofias já existentes. Assim, vou falar sobre Deleuze com a ajuda de Gallo e trazer sua perspectiva.

Deleuze é, em princípio, mais um historiador da filosofia. Mas não um historiador qualquer; ele é, antes de qualquer coisa, um historiador-filósofo, ou melhor, um filósofo-historiador. A sua produção filosófica começa, necessariamente, com o estudo de filósofos importantes na história das mentalidades (Hume, Bergson, Spinoza, Leibniz, Kant, Nietzsche...) para ir (re)desenhando novos mapas conceituais, pois, como vimos anteriormente, para ele a ação do historiador da filosofia pode ser vista como a ação do pintor retratista. Fazer filosofia é muito mais do que repetir filósofos, mas como a filosofia trata do mundo e há mais de dois mil anos que filósofos debruçam-se sobre ele, também é difícil fazer filosofia (pensar o novo) sem retomar o já pensado (Gallo, 2003, p. 33-34).

A abordagem de Deleuze à filosofia é distinta porque ele não se limita a descrever a história do pensamento filosófico. No entanto, ele aprofunda o tema de

uma maneira que transforma sua prática filosófica em uma história. A sua obra não é apenas uma narrativa de um período histórico, é um estudo inovador e ativo que conecta os pensamentos de filósofos importantes ao longo da história e os usa como bases para a criação de ideias e perspectivas novas.

Gallo fez uma analogia com o pintor retratista, sugerindo que a atividade de Deleuze como historiador-filósofo envolve não apenas documentar ou imitar os pensamentos dos filósofos do passado, mas também reinterpretar e recriar esses pensamentos de uma maneira que os torna distintos e incorpora novos elementos que se fazem múltiplos e diferentes.

Ao que posso perceber que para Deleuze, a história da filosofia não é apenas um campo de estudo separado, mas uma parte integrante e vital de sua própria prática filosófica. Ou seja, em minha perspectiva o filósofo entende que a compreensão profunda do pensamento passado é importante para qualquer tentativa significativa de avançar o pensamento filosófico para o futuro.

A necessidade de retomar o já pensado para pensar o novo expressa como Deleuze reconhece a dificuldade inerente em produzir algo genuinamente novo na filosofia, dada a grande tradição filosófica que ergue muros para qualquer tentativa de pensamento original. No entanto, ele argumenta que é precisamente através do engajamento criativo com o pensamento do passado que surgem as possibilidades de nova criação filosófica. Assim, para Deleuze, fazer filosofia não é simplesmente repetir o que foi dito antes, mas sim reinventar e redesenhar os limites do pensamento humano.

-O que cabe na invenção de escritas pela diferença? -

A Mãe que ouvira a brincadeira falou:
Já vem você com suas visões!
Porque formigas nem têm joelhos ajoelháveis e nem há pedras de sacristia por aqui.
Isso é traquinagem da sua imaginação.
(Barros, 2015, p. 13)

A interação entre a mãe e a criança neste trecho de "Menino do Mato" de Manoel de Barros ilustra como as percepções podem ser diferentes dependendo do nosso ponto de vista. A mãe, numa perspectiva de representação sendo o mundo adulto, por vezes desmistifica as visões criativas do filho como mera fantasia. Essa dinâmica reflete uma dicotomia, criada pela filosofia moderna, comum na infância: o conflito entre a imaginação e a lógica.

Ao rejeitar as "visões" do menino, a mãe destaca a tendência de rejeitar o que não pode ser facilmente compreendido ou explicado pelo senso comum. Isso levanta questões sobre a importância da imaginação e da criatividade na infância, bem como a necessidade de preservar essas subjetividades em meio às pressões da vida adulta.

A luta da filosofia, da ciência e da arte, portanto, não ocorre em oposição ao caos, pois dele se servem criativamente, mas contra o senso comum, que deseja eliminá-lo. Assim, aquele leitor, pensador, a conectar-se com a filosofia, está de alguma forma disposto a romper com o senso comum e consigo mesmo na expectativa de um acontecimento e de maneira a desejar-lo no exercício do pensamento (Grisotto, 2022, p. 250).

No contexto da Filosofia da Diferença, a inter-relação entre Filosofia, Ciência e Arte desafia o tradicional. A rejeição das "visões" do menino pela mãe exemplifica a tendência de descartar o diferente pelo senso comum. No diálogo, emerge a possibilidade de romper com o ele, acolhendo a diferença e a multiplicidade para perceber novas compreensões e formas de existência.

A filosofia da diferença apresenta a possibilidade de refletir e desconstruir certezas preestabelecidas. Ao ponto de incentivar o ato de questionar as verdades do senso comum. Na filosofia da diferença, o ser humano se abre para a diversidade de perspectivas e experiências, reconhecendo a riqueza e mais que isso a complexidade do mundo e a pluralidade de vozes que nele habitam. O caminho filosófico não é um desafio, é uma compreensão da realidade e a não limitação da visão sobre o universo.

No momento de reflexão é possível perceber como a rejeição por parte da mãe às "visões" do menino, ecoa uma inquietação pois rompe com o conforto ilusório do senso comum. A mãe, representação dele, ao rejeitar o que não pode ser facilmente compreendido ou explicado, revela uma filosofia tradicional em nossa sociedade de eliminar aquilo que desafia e questiona as bases epistêmicas tradicionais.

Além disso, o diálogo entre mãe e filho sugere a perda gradual da capacidade de apreciar o mundo com os olhos da criação à medida que se envelhece. Manoel de Barros me faz refletir sobre como a criação está em todo o momento da existência humana, e como é importante preservar a capacidade de ver o mundo com uma perspectiva mais ampla e criativa. Afinal, para que surge a criação?

A propósito, todo ato de criação e no nosso caso, todo ato de criação em filosofia, supõe uma diferença e esta não surge do nada. Ciência, arte e filosofia, além de se caracterizarem como tipos de pensamento e isto segundo maneiras distintas de expressá-lo – a ciência por proposições, a arte por afectos e perceptos e a filosofia por conceitos – roubam, com o intuito de criar em relação a si mesmas e entre si noções a lhes oferecer um novo fôlego e permitir que avancem no equacionamento de novos problemas em seus respectivos campos (Grisotto, 2022, p. 251).

A criação é um ato intrínseco à diferença, um fluxo incessante que permeia a ciência, a arte e a filosofia. O sentimento de preservação em relação a capacidade de ver o mundo com uma visão criativa é importante, porque somente assim podemos abrir um caminho para o surgimento de novos horizontes de entendimento e enfrentar os desafios que se apresentam em nossos caminhos. É na intersecção entre a ciência, a arte e a filosofia que encontramos as sementes do pensamento criador, capaz de inspirar novas formas de compreender e habitar o mundo.

A arte se faz presente por meio desse olhar atento que a criança tem, suas visões atualizam a cada olhar. As expressões artísticas refletem sua individualidade única, capturando os mínimos detalhes que muitas vezes escapam aos adultos. Ao celebrar essa singularidade, a filosofia da diferença nos convida a reconhecer e valorizar a diversidade das experiências humanas, cultivando um olhar mais atento para as vozes abafadas e perspectivas por vezes ignoradas.

A mãe pode ser várias personificações, a escola que não valoriza a imaginação e criação, ao cessar a brincadeira da criança. A desvalorização da criação ocorre em vários momentos, mas no período da infância e na escola por ser um local estabelecido de aprendizado ocorre constantemente. A personificação de um pensamento de estranheza também é possível ver na mãe sobre as visões da filosofia da diferença por romper com o preestabelecido.

A mãe do menino o censurou dizendo como ele apenas começou com suas visões, isso deixa óbvio como ela parte do princípio que somente as suas visões são verdadeiras. Pois, todos possuímos visões por nossa própria subjetividade que podem se cruzar, colidir e alinhar. Nesse momento a filosofia moderna se faz tão presente, pois ela também parte do princípio de que o outro é somente representação.

A filosofia moderna sempre parte do princípio do Uno e quando fala do outro, é colocando o outro como uma mera representação daquilo que o “eu” imagina.

Assim, as singularidades e diferenças do outro não estão nele como um Ser único e sim no “eu” como uma extensão do seu próprio pensamento e das suas vontades. A filosofia da diferença traz uma perspectiva de pensamento diferente, rompendo com a ideia de unidade e representação do “eu” no outro. O autor Silvio Gallo discorre sobre a filosofia moderna e suas nuances:

A filosofia moderna foi marcada pela célebre verdade indubitável de René Descartes: eu penso, eu sou, que deriva para eu sou uma coisa que pensa. Quem – ou o que – é o outro, no sistema cartesiano? Ora, o outro é um produto de meu pensamento, assim como todas as outras coisas das quais posso ter certeza racional. Isto significa dizer que penso, tematizo, concebo o outro sempre na interioridade de meu ser, na interioridade de meu pensamento. O outro é um conceito, um efeito do pensamento. O outro de que falo é uma representação; isto é, não tematizo o outro enquanto outro, alteridade absoluta, mas o tematizo como um efeito de meu próprio pensamento. Em outras palavras, no âmbito de uma filosofia da representação, como é a filosofia cartesiana e toda a filosofia hegemônica, desde suas origens até nossos dias, o outro não passa de algo que eu mesmo crio, no pensamento. O outro sou eu mesmo. (Gallo, 2010, p. 232).

Ao colocar o outro como uma extensão do “eu” no contexto da filosofia cartesiana criasse a ideia de que o outro é uma construção do próprio pensamento individual. A personagem da mãe invalida as visões do menino, assim sendo visível a existência desse pensamento filosófico moderno. O ato de considerar o outro como uma representação feita no “eu” acaba por criar a questão da autenticidade dessa relação eu-outro.

Os questionamentos sobre como se pode compreender o outro se ele é apenas uma criação do próprio “eu” em minha mente é persistente. Portanto, é preciso um outro olhar, uma visão diferente sobre o “eu” e o “outro”. Assim, essa possível limitação da capacidade de reconhecer a alteridade genuína do outro poderia ser revista com a filosofia da diferença. Certamente, a diferença não seria criada a partir desse olhar moderno de ser apenas uma extensão de mim.

- Como a docência habita este lugar de representação? Como a representação habita o que penso da docência, da aprendizagem e do ensino? O que pode a docência pela diferença? -

O menino tinha no olhar um silêncio de chão e na sua voz uma candura de Fontes. O Pai achava que a gente queria desver o mundo para encontrar nas palavras novas coisas de ver assim: eu via a manhã pousada sobre as margens do rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão de uma pedra. Eram novidades que os meninos criavam com as suas palavras. (Barros, 2015, p. 13)

Na estranheza causada pelas novidades criadas pelas palavras, quero me recriar. O sentimento sobre a criação de novas palavras causa no pai uma percepção que os meninos queriam desver o mundo. No entanto, o movimento de criação de palavras pode se dar também no ver e rever o mundo. Agora quero ver e rever a filosofia da diferença.

Na filosofia da diferença eu e você podemos criar novas palavras, mas isso vai além do ato de criar envolve uma forma de ruptura com as estruturas preestabelecidas. Com certeza é uma forma de subversão da realidade, uma fuga e um destempero. Ou seja, um desprendimento da vontade de se encaixar com as ordens estabelecidas e com os conceitos fixos. Então, nesse movimento de romper, a linguagem se refaz como um instrumento de criação para a multiplicidade das perspectivas e da complexidade do mundo.

Nesse sentido, a estranheza causada pelas novas palavras não é apenas uma perturbação momentânea, mas sim um convite para uma nova forma de pensar e perceber. Enquanto alguns podem sentir desconforto diante da desconstrução das certezas, outros encontram na fluidez das palavras uma oportunidade de expansão e enriquecimento do olhar sobre a existência.

É nesse constante movimento de criação e reinvenção que se encontra a filosofia da diferença: na aceitação da multiplicidade e na busca incessante pela novidade. A criação e a recriação como movimento da própria existência, fazendo parte da vida humana a experiência de ser, sentir e viver.

Inspirada em correntes pós-estruturalistas, essa perspectiva filosófica busca romper as limitações das categorias fixas e das generalizações, incentivando uma apreciação mais múltipla das diversidades culturais, sociais e individuais. A multiplicidade é algo intrínseco ao ser humano, um mesmo encontro é sentido, percebido e produz afecções diferentes em cada ser humano.

Ao contrário das visões que tendem a uniformizar e padronizar, a filosofia da diferença existe na ideia de que cada pessoa, grupo ou fenômeno possui características únicas e inerentes, fugindo das simplificações redutoras. A diferença expõe nossas singularidades, ou seja, evidencia nossa individualidade e incomparável existência sendo um ser de vontade que produz modos de viver diversos.

Conceber a criação junto à filosofia de Deleuze é envolvê-la com o não pensado, o fora. Pensar a criação é seguir os movimentos de atualização do virtual e os turbilhões virtuais que o pensamento descola da experiência atual. Carregada de virtualidades, a criação comporta o que não está dado, o que não foi feito, o que não se sabe, o que não dá para imaginar de antemão, o que é impossível de se prever. A singularidade de toda a criação mostra cem mil pontos de vista, mil modos de se acercar daquilo que desconhecemos. Desmedido, inesgotável, o fora é aquele pensamento que ainda não tem imagem, que é apenas intensidade, pulsar vivo e irreversível do devir (Zordan, 2010, p.20).

A criação abraça as virtualidades. Ela é singular e multifacetada, ao existir numa infinidade de modos de ser. A filosofia da diferença, onde a singularidade de cada indivíduo é exaltada, evidenciando nossa incomparável existência e capacidade de produzir modos de viver diversos. A criação e a diferença se entrelaçam nas possibilidades infinitas, onde somos convidados a reinventar nossa existência a cada momento.

Essa abordagem desafia a homogeneização cultural e social, reconhecendo a riqueza que reside na complexidade e variedade das experiências humanas. No tecer do intrincado tecido da vida, cada cultura, cada história, cada singularidade contribui para a criação da tapeçaria universal das existências, dos conhecimentos e das vivências. A valorização das diferenças é uma forte raiz que sustenta a filosofia da diferença.

Ao conhecer e reconhecer essa multiplicidade, podemos romper a limitação do pensamento uniforme, abrindo-nos para um horizonte vasto de entendimento e apreciação. É neste confronto com a multiplicidade que nos constituímos diversos, não pela busca da homogeneização, mas como um florescer incessante da nossa complexa vida.

Talvez o engano da Filosofia da diferença, de Aristóteles a Hegel passando por Leibniz, tenha sido o de confundir o conceito da diferença com uma diferença simplesmente conceitual, contentando-se com inscrever a diferença no conceito em geral. Na realidade, enquanto se inscreve a diferença no conceito em geral, não se tem nenhuma ideia singular da diferença, permanecendo-se apenas no elemento de uma diferença já mediatizada pela representação. (Deleuze, 2006, p. 54).

O filósofo Deleuze discorre sobre como o equívoco na filosofia da diferença reside na confusão ao ver a diferença com uma diferença simplesmente conceitual, ou seja, na limitação do confinamento da diferença dentro dos limites do conceito como um todo. O autor sugere, assim, que a filosofia não alcança uma compreensão

singular e direta da diferença, mas apenas a abrangência do nível abstrato da representação.

A crítica do autor aponta para que a diferença apenas como uma variação ou distinção conceitual dentro de categorias predefinidas, não é a verdadeira diferença. Portanto, é necessário ir além da mediação das representações para acessar uma "ideia singular da diferença", pois, ao adotar uma abordagem mais radical e direta para compreender as várias dimensões e complexidades que a diferença pode abranger à compreensão da diversidade e multiplicidade.

Ao refletir sobre a crítica de Deleuze é possível perceber como está alinhada com sua filosofia mais ampla, que se concentra na criação de conceitos originais, na superação das limitações do pensamento dualista e na exploração das multiplicidades e singularidades que escapam das estruturas convencionais ou tradicionais de representação.

Na filosofia da diferença, existe a busca por uma compreensão profunda e autêntica da realidade. Portanto, deve-se levar em consideração as sutilezas e os aspectos particulares que muitas vezes são negligenciados por abordagens tradicionais. Dessa forma, a filosofia da diferença não apenas rompe com as estruturas de poder que podem perpetuar uniformidades, mas também se propõe a olhar de forma inclusiva e respeitosa em relação à multiplicidade de vozes e perspectivas.

A perspectiva filosófica não apenas destaca a importância de aceitar e celebrar as diferenças, mas também lança um desafio à rigidez das normas sociais e culturais que se perpetuam pelas representações. Ao reconhecer a dinâmica constante da mudança e do devir, a filosofia da diferença convida a uma postura mais flexível e aberta, que reconheça a coexistência de diversos modos de ser, estar e viver.

-A minha docência reside no entre: lugares, sujeições, criações, no render-se,
rasgar-se e remendos... -

Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um
sapo com olhar de árvore.
Então era preciso desver o mundo para sair daquele
lugar imensamente e sem lado.
A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas
pela inocência.

O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias
para a gente bem entender a voz das águas e
dos caracóis.
(Barros, 2015, p. 13)

O poema (docência) evoca uma vontade de sair e descobrir outro lugar. A imagem do sapo com olhar de árvore indica uma união entre elementos diversos da natureza, insinuando uma disposição para enxergar o mundo por meio de novas perspectivas. Essa disposição para enxergar o mundo por meio de novas perspectivas pode ser aplicada de maneira significativa no contexto educacional, onde a valorização da subjetividade é fundamental.

A necessidade de desver o mundo aqui se faz importante para questionar as narrativas pré-estabelecidas e os padrões de pensamento dominantes, algo importante tanto para a filosofia da diferença quanto para uma educação criadora. É através desse desvelamento que se abre espaço para uma visão mais plural e inclusiva, onde as diversas vozes e experiências ocupam seus lugares.

Ao mencionar que naquele lugar só se aprendia "ignorâncias", Bernardo nos lembra da humildade necessária para reconhecer que o verdadeiro entendimento muitas vezes surge da aceitação de nossa própria limitação e da disposição para aprender com o desconhecido. Ao pensar e repensar nossas concepções arraigadas sobre aprendizado e conhecimento, abraçando a diversidade não como mera diferença de representação. A incerteza dos possíveis entendimentos e a beleza da jornada rumo à compreensão mais profunda do mundo e de nós mesmos.

Ao escutar a filosofia da diferença, posso sentir a proposta de uma transformação na forma como entendemos e nos relacionamos com o mundo, os encontros que promovem uma apreciação profunda das complexidades que tornam a experiência humana única. Assim, é nesse sentir que ao mesmo tempo me interconecta com a diversidade.

A educação não é apenas conceitual com um processo de transmissão de conhecimento. Então, ao trilhar o caminho da educação é um direito que cada ser se reconheça e seja reconhecido em sua singularidade e alteridade. Portanto, a educação seria uma ponte que proporciona a todos um espaço para expressar sua voz. Além disso, o reconhecimento da multiplicidade de saberes e experiências que se atravessam na sociedade entre as crianças, os jovens e os adultos.

Ao ponto que a importância da educação não se limita apenas à aquisição de habilidades técnicas ou na preparação para o mercado de trabalho. É no sentir na formação em dever dos seres, como ser inacabados. Portanto, a educação nutre o senso de responsabilidade sobre os modos de vida que existem e coexistem, como os aspectos de empatia, justiça e tolerância que se pode vir a existir. Assim, ao encorajar o pensamento crítico sobre a multiplicidade e sua intrínseca relação com o ser, a educação tem a possibilidade de promover o rompimento com os pensamentos preestabelecidos na sociedade.

A educação não se faz de um conjunto simples de opiniões ou visões subjetivas. É, no entanto, um processo complexo e multifacetado envolvido pelo compartilhamento de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades e a formação de valores. Por isso, a pesquisa, a prática pedagógica e a reflexão crítica, se fazem presentes na educação como uma forma de buscar e alcançar os objetivos por vezes levantados em discussões, como a promoção da igualdade de oportunidades, o desenvolvimento do pensamento crítico e a preparação para a vida.

O autor Gallo explora as possibilidades de uma abordagem deleuziana para repensar os paradigmas educacionais. Então, ao destacar a importância de compreender a educação não como um processo linear e uniforme, o autor convida a pensar como um espaço de multiplicidade e diferenciação, onde a experimentação e a criação são personagens principais. Ao adotar uma perspectiva deleuziana, propõe uma educação que valoriza a singularidade de cada aluno, promovendo uma aprendizagem que seja criativa.

A Educação, enquanto campo de saberes, não raramente pode ser vista como uma arena de opiniões. Um campo que poderia primar pela multiplicidade, já que é atravessado transversalmente pela filosofia, pelas diversas ciências, pela arte, tem historicamente buscado uma identidade única, sob o argumento de tornar-se científico, sucumbindo a esta vontade de verdade, a este mito moderno, criado pelo positivismo. Nesta terra caótica que é o platô Educação, loteada e povoada por metodólogos, sociólogos, filósofos, psicólogos, historiadores, cientistas políticos, além dos chamados “especialistas em educação”, grassa a opinião, que se arvora em defensora contra o caos. Estão todos à procura de novidades, estão em busca da “identidade” da Educação. Mas quanto mais prolifera a opinião, dando a ilusão de que se foge do caos, mais ele nos enreda e nos lança na direção de um buraco negro, de onde já não será possível escapar. (Gallo, 2003, p. 67).

A visão crítica e provocadora sobre a complexidade do campo da Educação, destacando-o como uma arena onde múltiplas opiniões coexistem, por vezes sem um consenso claro. A ideia de que a Educação poderia primar pela multiplicidade, dada sua interseção com diversas áreas do conhecimento, é interessante, pois sugere que sua riqueza reside na diversidade de perspectivas que a permeiam. E aqui questionamos o consenso ou a clareza, pois na multiplicidade se reside o dissenso, o escuro, o vazio, o silêncio como potência de vida.

A crítica à busca por uma identidade única e à tendência de tornar a Educação excessivamente científica é especialmente pertinente. Isso levanta questões sobre a verdade na Educação e os perigos de se adotar uma abordagem excessivamente positivista, que pode negligenciar a subjetividade e a complexidade inerentes ao processo educacional.

A metáfora do "platô Educação"² como uma terra caótica, loteada por uma variedade de especialistas, sugerindo uma imagem de fragmentação e disputa dentro do campo educacional. Isso ressalta a necessidade de diálogo e colaboração entre as diversas disciplinas e profissionais envolvidos na educação, a fim de encontrar caminhos mais integrativos e holisticamente informados.

A referência à proliferação de opiniões como uma ilusão de fuga do caos, que na verdade nos lança em direção a um "buraco negro", é intrigante. Então, a possível reflexão sobre como lidamos com as diversas perspectivas na Educação e como essa multiplicidade pode, de forma paradoxal, contribuir para um maior senso de confusão e desorientação.

O autor Gallo nos convida a pensar e repensar sobre nossas abordagens e pressupostos em relação à educação, ao reconhecer sua complexidade e a diversidade de vozes e opiniões que se atravessam que lhe são características. Portanto, com uma postura reflexiva e crítica, a busca por integrar diferentes pontos de vista é uma busca sobre uma compreensão que seja completa e enriquecedora do processo educacional.

² A metáfora do "platô da educação" é uma ideia do livro "Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia" dos autores Gilles Deleuze e Félix Guattari. O "platô" não se refere a um planalto geográfico, mas a um conceito filosófico que representa um estado de estabilidade ou de constância dentro de um processo. O platô da educação sugere um espaço-tempo onde o aprendizado não é visto como uma progressão linear de um ponto A para um ponto B, mas como uma multiplicidade de conexões e intensidades que se desdobram em um campo de possibilidades. Em vez de pensar na educação como um caminho com um destino final, a metáfora do platô ressalta a importância de se estabelecer uma base sólida de conhecimento e práticas, enquanto simultaneamente se explora e se expande em direções diversas. Assim, o platô da educação representa um espaço de experimentação, reflexão e crescimento contínuo, onde o aprendizado se torna um processo fluido e dinâmico.

É urgente, portanto, que busquemos uma filosofia da educação criativa e criadora, que não seja tão inócua. Ela deve ser perigosa, deve ser o veneno e o remédio. É necessário que corramos o risco, que mergulhemos nesse caos povoado de opiniões. Nas margens do Aqueronte, não podemos titubear, com medo de não conseguir voltar do mundo dos mortos. O mundo dos mortos é aqui, quando sucumbimos à opinião generalizada. Precisamos do mergulho no caos, precisamos das águas do Aqueronte para, nelas, reencontrar a criatividade. Só criando conceitos, assumindo uma feição verdadeiramente filosófica é que a filosofia da educação poderá ter um futuro promissor, no Brasil ou em outro lugar qualquer. (Gallo, 2003, p. 70-71).

O autor apresenta uma visão sobre a necessidade de uma filosofia da educação que seja criativa e transformadora. Ao sugerir que essa filosofia deve ser "perigosa" e funcionar como "veneno e remédio", o autor nos convida a repensar o papel da educação como algo que possa promover e produzir mudanças e rupturas. E desafia a ideia convencional de que a educação deve ser segura e previsível, destacando a importância de correr riscos e enfrentar o desconhecido em busca do novo e da diversidade.

A referência ao "caos povoado de opiniões" nos leva a refletir sobre a complexidade do ambiente educacional, marcado por uma multiplicidade de perspectivas. Por isso, o autor sugere que em vez de temer ao caos devemos mergulhar nele, reconhecer o caos como um espaço fértil para a criação. Assim, a metáfora apresenta a imagem das águas do Aqueronte, o rio dos mortos na mitologia grega, afirmando que somente no confronto com nossos medos e ao assumir os riscos podemos alcançar uma educação enriquecedora e significativa.

Ao defender a criação de conceitos e uma abordagem verdadeiramente filosófica da educação, o autor nos lembra da importância de questionar as premissas estabelecidas e buscar novos horizontes de compreensão. Assim, a visão se propõe a desafiar a perspectiva de que a educação deve se conformar a padrões pré-estabelecidos, ressalta a importância de cultivar uma mentalidade aberta e exploratória valorizando a criação como potencializador do aprender.

O convite se estende a repensar não de forma limitada sobre o que ensinamos e aprendemos, mas como nós abordamos o processo educacional como um todo. Assim, podemos vislumbrar um futuro promissor baseado na coragem de enfrentar o desconhecido e na determinação de criar novos caminhos para o conhecimento e a sensibilidade humana.

- O que pode o sensível na docência? O que habita uma poética-gente-docente? -

A gente gostava das palavras quando elas perturbavam
o sentido normal das ideias.
Porque a gente também sabia que só os absurdos
enriquecem a poesia.
(Barros, 2015, p. 13)

No universo poético as palavras não são meros veículos de comunicação, mas sim agentes de transformação que desafiam e subvertem o sentido convencional das ideias. Essa abordagem ressoa com os princípios da filosofia da diferença, que valoriza a diferença e a multiplicidade de perspectivas como catalisadores de mudança e criação de uma docência sensível, poética, transgressora. Invade uma vontade de rasgar o que se fixa de uma docência pura, mas sim busco uma docência perturbadora de ideias convencionais.

Ao dizer que gostavam como as palavras perturbavam é possível reconhecer o potencial das palavras para desestabilizar as estruturas pré-estabelecidas de pensamento e abrir espaço para novas interpretações e possibilidades. Essa atitude de acolhimento da perturbação e da diferença é central na filosofia da diferença, que enfatiza a importância de romper com os padrões hegemônicos e dar lugar aos outros modos de ser.

Os absurdos não somente enriquecerem a poesia, mas revelam uma valorização da multiplicidade e da complexidade da experiência humana. Esses absurdos não são vistos como meros desvios da norma, mas sim como expressões legítimas da diversidade e da singularidade.

Na filosofia da diferença, os objetos-dispositivos são vistos como ferramentas para a desconstrução de hierarquias e para a criação de novas possibilidades de ser e de viver. Da mesma forma, os absurdos funcionam como dispositivos que desafiam as convenções linguísticas e culturais, estimulando o pensamento crítico e a imaginação criativa.

O autor Gilles Deleuze (2006), propôs uma abordagem única à filosofia, notável por sua crítica à sociedade disciplinar e seu interesse na multiplicidade. Por isso, na visão deleuziana, os objetos-dispositivos não são apenas entidades estáticas, mas forças dinâmicas que operam em acionamento no constante devir. Além disso, os objetos-dispositivos não são isolados do mundo, mas são utensílios

que se entrelaçam em redes de relações. Portanto, acabam formando um agenciamento que rompe as fronteiras tradicionais.

Na filosofia da diferença, os objetos-dispositivos não são meros instrumentos, mas são criadores de subjetividade. Por isso, eles participam ativamente na criação de novos modos de ser. Com isso, os dispositivos não apenas agem na realidade, mas também assumem um papel que abre as possibilidades para a urgência do novo, desafiando as estruturas tradicionais e as normas preexistentes.

Ao pensar a multiplicidade, um dos conceitos centrais na filosofia deleuziana, ao se direcionar e ser aplicada aos objetos-dispositivos eles são caracterizados por uma pluralidade de potencialidades e conexões. Por isso, ao invés de ver os dispositivos como uniformes e homogêneos, Deleuze destaca como a diversidade e a complexidade são inerentes a eles, abrindo espaço para a experimentação e a inovação.

A relação entre corpos e dispositivos é fundamental na visão de Deleuze. Por isso, os objetos-dispositivos estão intrinsecamente ligados à realidade, influenciando e sendo influenciados por seus acionamentos. Portanto, a interconexão cria uma rede de relações que busca romper com as fronteiras individuais, formando uma multiplicidade dinâmica em constante transformação.

A abordagem deleuziana dos objetos-dispositivos desafia as concepções convencionais. Assim, o convite é feito para reconsiderar as relações entre o humano e o não-humano. Por isso, deve-se reconhecer a complexidade e a multiplicidade dos objetos-dispositivos, oferecendo uma perspectiva que enfatiza a importância da experimentação, da criação e do rompimento com as estruturas dominantes.

Os objetos-dispositivos têm o potencial para parar o tempo, vê-lo de uma de outra maneira, sem a possível separação entre o presente, passado e futuro. São blocos que atravessam e provocam hecceidades, mudanças de tempo, de natureza, de ser professora... em formação. Afetar e ser afetado, os encontros têm essa potência, e esta dissertação também. Para o leitor-professor, o leitor-aluno, ou outros leitores interessados, o desejo é de que a leitura desperte movimentos, velocidades, lentidões, atravessamentos. Compondo outras paisagens sobre o tornar-se professor. Cartografias. (Oliveira, 2018, p. 3).

A citação reflete uma abordagem peculiar e inovadora dos objetos-dispositivos, sugerindo que esses elementos têm o poder de reconfigurar nossa percepção do tempo. A ideia de que os objetos-dispositivos podem

interromper o tempo tradicional, desafiando a separação entre passado, presente e futuro, revela a influência da filosofia deleuziana na compreensão das relações entre as coisas e suas potencialidades.

A menção às "hecceidades" destaca a capacidade dos objetos-dispositivos de provocar mudanças no tempo. Essa perspectiva ressalta a dinâmica de afetação mútua entre o sujeito e os objetos, onde os encontros se tornam catalisadores de transformações e evoluções.

Os encontros em Deleuze e Parnet (1998) como geradores de potência são particularmente interessantes. Ela sugere que a interação com objetos-dispositivos, assim como a leitura pode despertar movimentos, velocidades e lentidões, proporcionando uma experiência que vai além do simples entendimento intelectual. A referência à "cartografia" sugere uma exploração ativa e mapeamento do território do tornar-se professora, indicando uma busca por novas perspectivas e abordagens na construção dessas constituições.

E é nesse movimento de encontros que proponho gerar potência de vida a alguns objetos-dispositivos que fazem parte do território que constitui a docência que vivo e, assim, intenciono provocar, afetar, perturbar o tempo que fixa para deslocar-se em intensidades e variações ao processo de uma escrita inventiva.

ENCONTRO 2 - O PONTO DE PARTIDA

Numa manhã chuvosa, enquanto eu me levantava para ir à escola, podia sentir o peso do sono tomando-me. Acordar cedo e dormir tarde, tinha um preço. A água fria fazia todo meu corpo tremer, a roupa já tinha sido escolhida, me apresso para não atrasar, a calça jeans e blusa preta são quase uma extensão do meu corpo de tanto usar.

Abri a porta. Ao sair de casa com meu guarda-chuva, pude ver poças de água e tantos outros guarda-chuvas. Caminhava com passos firmes até o ponto de ônibus sempre pensando “espero não me molhar”. O meu desejo simples de me manter seca e aquecida parecia difícil de se realizar, os pequenos buracos no guarda-chuva podiam provar. O som alto da música no fone de ouvido afastava a sonolência e abafava o som das vozes daqueles que estavam perto.

Cheguei ao ponto de ônibus, ufa! A chuva, a música, o sono, eram as fronteiras que me faziam não ver nada além de mim. No entanto, por um descuido gracioso enquanto eu esperava, vi três figuras se aproximando. Minha vista embaçou, tentei limpar. Mas, cada vez mais perdia a noção do que eu sou. Tirei meus óculos, limpei, esfreguei...será a chuva? Nossa, estou vendo algo com os olhos embaçados. Lembrei de Manoel de Barros quando dizia que as coisas desejam ser olhadas de azul e foi quando me entreguei ao azul das invenções, “Que nem uma criança que você olha de ave” (Barros, 2016, p.18).

A minha primeira visão é de um jovem de cabelos bagunçados, sinto que é despreocupado com as coisas e vive com a mochila azul, olhando curiosamente para o mapa da cidade. O seu nome é Trajeto, já faz um tempo que o vejo e até seu nome já sei. Me sinto com uma amiga que o conhece a muito tempo e ousou dizer que é estudante de geografia, parece fascinado pelos caminhos e destinos. Em muitos momentos falava em voz alta para marcar, localizar. Em outros quase sussurrando em fluxos, movimentos, sentires.

Ele parou me olhou sorrindo e começou a dizer-se num tom poético:

Eu sou a estrada a percorrer,

O caminho que te leva a qualquer lugar,

O curso que te conduz a toda parte,

A bela estrada onde os sonhos vão se alinhar!

O passo mais próximo da chegada,
 Eu sou aquele que vê encontros e desencontros,
 Antes do ponto final, onde a jornada se faz.

Eu sou a melhor parte da viagem!
 A essência do rumo? Que confuso!
 Sou companheiro de percurso, um destino a desenhar,
 Eu não sou apenas uma jornada,
 Não sou apenas caminho físico!
 De um ponto a outro,
 O percurso acadêmico é meu alinhamento.

A cada encontro e desencontro eu me faço!
 A minha experiência é moldada? Será?!
 O devir-professora em mim se acontece,
 É no entendimento e sentimento da profissão!
 A práxis se faz presente,
 O criar é sinônimo de formação,
 Eu sou a parte vital dessa construção.

Também, não sou apenas o meio para um fim,
 As aprendizagens sem fim,
 Oportunidades, vivências,
 Em cada estação, se fazem as criações,
 O caminho, o percurso,
 A trilha, a estrada,
 Eu sou o trajeto! Seja simbólico, seja físico, seja inventado! Mas, vivido!

Eu fiquei paralisada por alguns segundos! O som da sua voz é leve como uma paisagem em movimento, sinto que ele é um conjunto de conhecimentos, currículos, estudos epistemológicos. Ao ouvir a voz dele escuto as ideias de escola baseadas em estudos fragmentados por vertentes epistemológicas. Chego a arrepiar! Os

estudos que permeiam o curso de Pedagogia. O desejo constante ao ouvir ele é perguntar sobre que professor se quer formar? Qual o objetivo do curso? Qual identidade quer criar? Ou é um modo de ser? A maior questão realmente é o que é estar formada em uma licenciatura em Pedagogia?

A sua fala me faz pensar como para ele a educação não é apenas um destino final, mas a jornada contínua que farei por toda a vida profissional, repleta de encontros e desencontros sejam os que produzem boas ou não sensações. Certamente, irei me distanciar de resultados fixos e apreciar o processo. A importância do caminho educacional é valiosa e se sobrepõem às ideias de estar pronta e acabada. O poema pelo Trajeto declamado me faz refletir como a formação de professores é única para cada um por sua alteridade, mas múltipla pelas interseções que ocorrem na jornada.

A criação é a manifestação da vontade no ambiente educativo, assim “a criação é vontade de potência, anseio de vida” (Zordan, 2010, p. 8). Portanto, a criação é algo cotidiano, presente nas paredes da escola, da vida e das realidades. O olhar do Trajeto se desvia de mim... ele me diz acreditar que tem três caminhos se perpetuam e eu curiosa o questiono sobre que caminhos são esses. Por fim, com minha insistência ele diz:

*Um caminho é tradição,
Se ergue em passos firmes,
E na história, ele vive!*

*O crítico, caminhos desvenda,
Forte voz, quebrando opressões,
Com coragem ele faz história!*

*Mas o mais belo, o caminho sentido,
Nas entrelinhas, pode ser visto,
Ele rompe as verdades, na ternura do olhar o diferente!*

No entanto ele diz que tem um combate muito forte entre o tradicional e o crítico, o questiono sobre onde acontece o combate e ele me diz nas palavras de Silva (2010, p. 148):

O currículo é capitalista. O currículo reproduz – culturalmente- as estruturas sociais. O currículo tem um papel decisivo na reprodução da estrutura de classes da sociedade capitalista. O currículo é um aparelho ideológico do Estado capitalista. O currículo transmite a ideologia dominante. O currículo é, em suma, um território político.

O Trajeto fala que o currículo forma os alunos. Assim, a estrutura do currículo para a epistemologia crítica serve para os interesses capitalistas, pensando uma formação individualizada e competitiva. A crítica afirma que o viés tradicional faz com que certos conhecimentos possam ser acentuados enquanto outros são apagados. E como a escola desempenha um papel apenas de disseminador da ideologia de uma classe dominante. A luta dos diferentes grupos para moldar o que é ensinado, como é ensinado, para quem e por quem. Assim ele continua:

Os modelos tradicionais de currículo restringiam-se à atividade técnica de como fazer o currículo. As teorias críticas sobre o currículo, em contraste, começam por colocar em questão arranjos sociais e educacionais. As teorias críticas desconfiam do status quo, responsabilizando-o pelas desigualdades e injustiças sociais. As teorias tradicionais eram teorias de aceitação, ajuste e adaptação. As teorias críticas são teorias de desconfiança, questionamento e transformação radical. Para as teorias críticas o importante não é desenvolver técnicas de como fazer o currículo, mas desenvolver conceitos que nos permitam compreender o que o currículo faz (Silva, 2010, p. 30).

Eu o questiono sobre esse dualismo e como o modelo tradicional parece se concentrar apenas na atividade técnica, seja de criar currículos, focar em organizar conteúdos e métodos de ensino de maneira que sejam eficientes. Enquanto o modelo crítico se contrapõe e não se contenta em apenas aceitar as práticas educacionais vigentes. Assim, priorizando a criação de conceitos analíticos, que podem falar das dinâmicas de poder e as estruturas de dominação presentes na educação.

Subitamente eu o interrompi bruscamente, minha ansiedade pelo diferente. O tom da sua voz me indica que ele acredita nessa dualidade e como ela perdura na formação de professores e no curso de pedagogia que se mostra por vezes com um viés crítico, e que se pode formar professores tradicionais ou críticos. Então o questiono sobre o terceiro caminho, sei que não existe apenas esse embate e ele me responde:

Um currículo é um artefato com muitas possibilidades de diálogos com a vida; com diversas possibilidades de modos de vida, de povos e de seus desejos. É um artefato com um mundo a explorar. Afinal, mesmo sendo um espaço disciplinar, por excelência, muitas coisas podem acontecer em um currículo (Paraíso, 2009, p. 278).

Eu consigo ver uma luz que esse currículo-artefato faz brilhar surgindo através das nuvens escuras e pesadas. É uma experiência com diversos modos de vida, reconhecendo a pluralidade das existências, abraçando os diferentes pontos de vista e diversas práticas. Além disso, oferece um campo fértil para a criação, um mundo de possibilidades, dinâmico e fluido.

O movimento de ouvir a sua voz que indica caminhos, estradas e possibilidades para o devir-professora. As minhas intenções baseadas sempre em meus desejos de entendimento sobre educação, sobre escola e sobre sociedade. A minha inquietação se faz presente sempre pelas interseções sejam de ideias, estudos, realidades. Portanto, é o afecto ou “o affectus remete à transição de um estado a outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes” (Deleuze, 2002, p. 56). É nos encontros que acontecem os afectos, que os nossos corpos são afetados por outros corpos.

Ainda que em qualquer encontro haja relações que se compõem, e todas as relações se compõem infinitamente no modo infinito mediato, temos de evitar dizer que tudo é bom, que tudo é bem. É bom todo aumento de potência de agir (Deleuze, 2002, p. 61).

O meu encontro com o Trajeto implica a constante relação que existe entre os corpos uns com os outros, aumentando a capacidade de existir ativamente no mundo. Apesar da formação e seus objetivos, ainda persiste em mim uma questão singular sobre como eu posso estar formada? Isso significa que estou pronta, moldada e acabada?! A vontade presente no meu devir-professora me faz refletir que existe algo a mais. As verdades não são fixas e imutáveis, elas percorrem a floresta, os rios e se podem ser ouvidas no barulho do silêncio.

Devir-professora, tornar-se professora, não é um acaso, sina ou destino fixo e determinado. É não se contentar com o que está posto, com aquilo que se é, mas buscar ser mais em eterno percurso. O eu, o outro e tantos outros, devir (Oliveira, 2018, p. 90).

No encontro com os outros, que podem ser colegas, professores, trajeto, escola, ônibus e outros, é como afeto o outro e sou afetada por ele. O devir que é contínuo e ilimitado me faz ir além das representações de ser professora. A nossa conversa ecoa no minúsculo ponto de ônibus, e já consigo sentir o olhar de um outro nesse mesmo espaço, e de forma quase imperceptível, estava o LEPETE, um ser quase ancestral com um caderno de capa bonita e um olhar distante. Conhecido por suas experiências elaboradas e suas discussões acaloradas, LEPETE não podia resistir a uma boa discussão sobre ideias e conceitos. É cômico, me ensinou tantas coisas sem dizer uma palavra, seus gestos são fortes e gentis. Mas quando fala me ensina outras tantas que me fazem refletir, o chamo para a conversa e digo para se apresentar para o Trajeto.

A sua voz é potente e ele logo se impõe...

Eu sou um laboratório...

Um laboratório cheio de sonhos, de ensino, de vida,

A transdisciplinaridade me guia,

Um espaço no tempo feito de encontros,

Formando professores!

Na Educação Básica, o amor reluz,

Experiências vivas, o diálogo é uma árvore forte.

Pedagogias fluem, como as águas do rio para o mar,

Teoria-prática, sempre de mãos dadas,

Currículos a se movimentar, inter e transdisciplinarmente,

Culturas, saberes singulares,

Os múltiplos pensamentos!

A realidade é uma pintura, com camadas de contextos,

Nas escolas, com seus sujeitos e contextualidades.

Sou mais que um grupo, sou vida pulsante,

*Extensão e pesquisa, um voo constante,
Uma luz que ilumina o caminho!
Na educação, o futuro a construir,
Contra a opressão, levanto minha mão,
Racismo, fobias,
Militando até o fim.*

*Saberes ancestrais, vão prevalecer,
Epistemicídio, não irá vencer,
Educação pública, livre, popular,
Com Paulo Freire, irei mudar,
Transformação e libertação,
Na luta constante, a revolução,
Existe esperança em cada ação,
Educação é força, é coração.*

*Na decolonialidade, eu, LEPETE, me fundei,
A práxis que une ensino e pesquisa,
Extensão que pulsa, em todo o corpo,
Escola e Universidade, espaços de criação,
Formação que nasce da colaboração,
Currículos que se encontram,
Formando professores e professoras, pensadores e pensadoras, enfim!³*

³ O poema foi criado a partir das vivências e experiências que eu tive no LEPETE, em especial ao Projeto Assistência à Docência (PAD) que me levou a conhecer as possibilidades de ser professora em formação na sala de aula.

Ao terminar de escutá-lo eu desejo que mais pessoas o conhecessem como eu o conheço, o LEPETE nasceu do desejo de criar uma ponte entre a escola e a universidade⁴. Assim, ele traz diversas questões educacionais importantes, como o que é transdisciplinaridade? O laboratório afirma como ela é uma abordagem educacional diferente que atravessa as fronteiras disciplinares tradicionais de estudos acadêmico, e continua:

Japiassu delega o surgimento do termo transdisciplinaridade aos trabalhos dos intelectuais Jean Piaget e Edgar Morin que, na segunda metade do século passado, defenderam a possibilidade da transgressão das fronteiras impostas pelas disciplinas acadêmicas por conta da necessidade de urgentes mudanças epistemológicas e sociais no mundo atual. Com uma profunda crítica ao processo de fragmentação do conhecimento, Japiassu reconhece a existência de complexas pluralidades na contemporaneidade ao trazer a transdisciplinaridade como referência para transgredir as falsas dualidades entre sujeito / objeto, diversidade / unidade, matéria / consciência, subjetividade / objetividade, simplicidade / complexidade. Logo, a transdisciplinaridade enfatiza as relações intersubjetivas, dá ênfase à multidimensionalidade dos fenômenos, privilegia diferentes enfoques e dimensões uma vez que as relações intersubjetivas são de natureza crítica, intuitiva e transformadora de processos (Guerra; Cusati; Silva; 2018, p. 988).

Eu peço que me explique mais sobre a transdisciplinaridade e com detalhes...

E ele assim o faz:

A transdisciplinaridade é uma flor,

Florescendo do pensamento,

De Piaget e Morin!

Pluralidades vivem nas cores,

Sujeito e objeto, num mesmo abraço,

Matéria e consciência, no corpo.

Da simplicidade à complexidade,

A intersubjetividade pinta os destinos,

Voam com os ventos,

Epistemologias planam no ar,

Nas novas visões,

⁴ A professora Eglê Betânia Portela Wanzeler foi a precursora do desejo de criar essa ponte e hoje é coordenadora geral do LEPETE.

Ecoam os ecos,

A diversidade é criação!

Na educação isso implicaria uma abordagem que seja contra o ensino de disciplinas isoladas e integre os saberes. Logo, a escola iria reconhecer as pluralidades e entender que o mundo é diverso. Eventualmente, criando um ambiente que respeita e valoriza diferentes formas de ser. Além disso, podem ser criadas metodologias colaborativas, onde os alunos aprendem entre si e o professor com seus alunos. Certamente, ela enfatiza uma crítica em relação aos conhecimentos estabelecidos e busca despertar o ato de questionar nos alunos. Ao ouvir por alguns minutos sua voz me pego pensando nas pedagogias fluindo, e como elas devem ser dinâmicas e maleáveis. O LEPETE acredita que a formação de professores não pode estar distante dos espaços educacionais.

É importante assegurar à formação dos profissionais da educação a vivência diversificada em vários espaços educativos enquanto estes, ainda, se encontram em processo formativo a fim de propiciar riqueza de aprendizagens e olhares. Para tal, há necessidade de equalizar os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos práticos profissionais nas práticas formativas dos professores, bem como a criação de espaços híbridos no percurso formativo. Os espaços híbridos visam romper com as formas hierárquicas de organização curricular, articulando os conhecimentos práticos aos conhecimentos acadêmicos, através de ações concretas numa situação real de ensino e numa perspectiva multidimensional e interativa (Guerra; Cusati; Silva; 2018, p. 993).

A oportunidade dos futuros professores de conhecer a escola e seu cotidiano durante nossa formação realmente se faz necessária. Pois, isso enriquece o nosso repertório em relação a educação. Assim, nossos conhecimentos teóricos discutidos na sala de aula podem ser experimentados na escola, e as habilidades sociais e emocionais são colocadas em um lugar de destaque. Acredito que para o devir-professora existir devo refletir sobre os desafios do ambiente educacional. Portanto, é preciso questionar as estruturas tradicionais do ensino, como as perspectivas e as necessidades dos alunos são pensadas no processo educacional.

No decorrer da declamação do poema pelo LEPETE, eu vejo como os saberes singulares dentro do contexto educacional são tratados com relevância e importância. Ao meu lado o Trajeto acena com a cabeça concordando, assim o

Trajeto pergunta mais sobre o epistemicídio e as epistemologias que convivem entre si. O LEPETE, afirma assim:

O projecto de uma epistemologia do Sul é indissociável de um contexto histórico em que emergem com particular visibilidade e vigor novos actores históricos no Sul global, sujeitos colectivos de outras formas de saber e de conhecimento que, a partir do cânone epistemológico ocidental, foram ignorados, silenciados, marginalizados, desqualificados ou simplesmente eliminados, vítimas de epistemicídios tantas vezes perpetrados em nome da Razão, das Luzes e do Progresso (Nunes, 2009, p. 233).

*E no sul também vibra conhecimento,
Saberes silenciados? Não, agora ecoam!
Uma epistemologia do Sul...
Vem das terras, dos povos,
Descolonizar as verdades únicas,
As múltiplas histórias serão conhecidas.*

*Os saberes, outrora marginalizados...
Mas na teia do universo se projetam!
O perfume das flores é liberdade!
O epistemicídio, ao brilho do sol se desfaz,
Nas cinzas a transformação real,
Uma educação que emerge do rio para o mundo!*

A necessidade de reconhecer e valorizar os saberes emergentes do Sul, da Amazônia, me toca com força. É o descaso, que tende a privilegiar alguns conhecimentos e ignorar a outros por serem locais. No entanto, a abordagem educacional que reconheça as perspectivas e contribuições do diferente, pode criar um desejo de compreensão mais plural do mundo. *Os epistemicídios como são chamados personificam a morte dos saberes do sul, na descolonização educacional através da epistemologia crítica que se pretende ter uma educação justa e emancipatória* (disse o LEPETE).

Aqui, pude reconhecer que para o LEPETE a educação é vista pelo viés crítico, pois para ele esse viés é uma ferramenta de transformação da sociedade.

Assim, a opressão é desafiada e a esperança de obter mudanças tangíveis. É problematizar o sentido das instituições educacionais e como podem contribuir para a construção de uma sociedade libertária.

O pensamento predominante sobre educação vem do educador Paulo Freire, a obra que posso usar para fundamentar é a Pedagogia do Oprimido (1987). A ideia de escola nasceu de um movimento contra uma educação bancária, autoritária, opressora e exclusiva. As ideias de escola pelo olhar do LEPETE se fazem de um dualismo entre o opressor e o libertário. A voz é ativa contra as injustiças feitas aos profissionais de educação, alunos e sociedade.

No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção “bancária” da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (Freire, 1987, p. 38)

O educador Paulo Freire afirma que a educação bancária se esvazia da criatividade, da transformação e do saber. Os alunos formados pela educação bancária descrita por Paulo Freire são colocados como passivos, submissos e alienados. Além disso, o aluno seria um receptáculo para colocar informações e outras questões como o senso de questionar, criatividade ou participação ativa no processo de aprendizagem não são relevantes.

A decolonialidade, a resistência contra o epistemicídio e a educação libertadora caminham juntas no chão do Laboratório. Assim, o currículo escolar é uma ferramenta descolonizadora, possibilitando que os saberes ancestrais prevaleçam nas estruturas educacionais.

Entre os livros ecoa o silêncio,

Onde os saberes se não apagam frente a opressão,

Um chamado pode ser ouvido!

A decolonialidade, há resistência.

No descolonizar da educação,

Os ventos da mudança,

*Cada estudante encontra seu lugar,
E seja um mapa de histórias plurais,
Erguendo pontes,
A educação como farol da decolonialidade,
No caminho para o futuro.*

No campo da educação escolar, os Movimentos começam a 'ocupar' escolas, tensionando seus currículos padronizados, suas práticas hierarquizadas, sua disciplina autoritária. Recolocam o debate da humanização das práticas e propõem novas formas de construir a instituição escolar, como espaço de cultura viva ligado ao território e controlado pelos sujeitos que dela fazem parte (Leite; Ramalho; Carvalho; 2019, p. 14).

Os movimentos sociais assumem esse papel ativo na ocupação das escolas, sendo assim, um desafio aos padrões preestabelecidos dos currículos, das práticas hierarquizadas e da disciplina autoritária. Desse modo, os movimentos buscam criar uma educação mais contextualizada. Logo, é perceptível a preocupação em fazer da escola um ambiente mais acolhedor e participativo. A ilustração abaixo reflete como a escola é feita de tantas ideias que por vezes coexistem de formas diferentes.



Autor: Bernard Lira de Almeida
Software: ibisPaint X
Dimensão: 1754 x 1240
Data: 02 de julho de 2024
Caneta digital sob tela de tablet

As novas formas de constituir-se como escola perpassa pela cultura viva. Então, isso preconiza uma reconstrução da escola como um espaço de aprendizagem que valoriza seus sujeitos. Assim, todos os envolvidos como a gestão educacional, os alunos, os professores e a comunidade podem ter voz ativa no ambiente escolar.

Ao olhar distante pude ver descendo a rua o ônibus azul, suas letras luminosas não consigo ler, mas o reconheço é o meu ônibus. O Trajeto pede parada e entra primeiro, deixo passar na minha frente porque eu gosto de sentir ele a me guiar. Ao entrar eu passo rápido pela catraca procurando um lugar para sentar. Só tem lugar vazio bem no fundo, então nós três sentamos lado a lado. Eu às vezes me questiono como posso estar sentada e parada, no entanto ao olhar pela janela vejo toda a paisagem mudar. É um tipo de mágica em minutos estar em outro lugar.

Ao olhar para o lado pude ver uma mulher com um sorriso sereno e olhos atentos, sempre se podia aprender com ela. A Escola, como era conhecida, tinha sido diretora de sua antiga escola-abrigo por décadas e ainda carregava consigo o amor pela educação e uma profunda compreensão do que significava ser uma instituição de ensino. Tenho curiosidades sobre ela, parece que sempre esteve aqui e quando saio porta afora do ônibus ela continua sua jornada. O LEPETE já a conhece, trabalharam juntos e ele me apresenta ela, eu toda impactada quero saber mais sobre ela. Então, com sua voz suave, ela me diz:

No meu chão os alunos vivem e revivem!

Brincam e são felizes?!

A pedagoga em mim...

Vive, nas salas, corredores,

Morre, no descontentamento,

Revive, no fazer pedagógico,

Um ciclo sem fim!

**Eu sou uma completa surpresa cotidiana,
A rotina planejada, o inesperado potente,
A hora do intervalo, a interação desejada,
As brincadeiras, sem hora certa,
Seja elas escondidas ou proibidas
O currículo oculto, muito vivido,
O currículo inventado, muito pensado,
As experiências não pesquisadas,
As experiências não vividas,
Há mil mundos em mim!**

**As realidades se encontram, se afetam, se chocam
Afecções,
Percepções,
Criações,
Desejo,
O devir em mim!
Todos cantando uma sublime melodia!**

**A educação, nas minhas paredes habita!
As ideias de quem sou?!
Nascem daqueles que vivem sobre meu teto!
Ou daqueles que pouco me conhecem!
Libertárias, bancárias,
Tradicionais, progressistas,
Eu sou a escola como representação.**

**Também, pelos pensadores da diferença, com criações posso ser
inventada**

**Paredes derrubadas, ideias bagunçadas
Feita de areia e água, de pequenas singularidades
Movo-me em diferenças, em circularidades, em ancestralidades**

Vivo em tudo e persisto em existências possíveis.

Borrar ideias representacionais do que sou é movimentada toda vez que me deparo comigo.

Quem sou? De onde vim e para onde vou? (risos)

Estou no infinito das finitudes do que sou e posso ser!

Na sua apresentação eu consigo sentir a dualidade quando ela fala da rotina planejada e do inesperado na escola, o cotidiano escolar tem um certo roteiro, mas por vezes eu fico surpreendida pelo inesperado da escola e da sala de aula. É relevante problematizar como esse dualismo constitui o ambiente escolar. Assim, me questiono: como a imprevisibilidade afeta a escola e os corpos que nela habitam?

O currículo oculto e inventado está presente nesses momentos que por vezes são experiências não pesquisadas na escola. Isso implica que a escola é uma entidade complexa, vista por diferentes perspectivas como as libertárias, bancárias, tradicionais, progressistas e as culturais (pós-crítica).

As teorias pós-críticas em educação também favorecem o reconhecimento de que no mundo contemporâneo novas configurações culturais têm concorrido com a escola pelo privilégio sobre a educação das pessoas. No âmbito das teorizações pós-críticas é ressaltado que muitas das representações disponibilizadas pelos discursos veiculados por diferentes artefatos culturais não apenas chegam às escolas, mas também entram em conflito com o que nelas se ensina (Maknamara; Paraíso, 2013, p. 42).

As culturas e o ambiente escolar revelam-se numa necessidade de entendimento sobre a diversidade cultural. É na ideia de problematizar as representações que se pode conhecer as diferentes visões de educação que coexistem dentro do mesmo ambiente escolar. A Escola aqui se questiona se "os alunos brincam e são felizes na escola" e isso me leva a refletir sobre como as desigualdades sociais podem afetar as experiências na escola. Assim, acentuam-se as questões em relação às condições socioeconômicas, étnicas e de gênero que influenciam o acesso ao lazer e à sensação de felicidade na escola. Além disso, a realidade escolar é por vezes feita da exclusão social e discriminação, e os alunos são colocados a lidar com essas questões emocionais e de estresse. Portanto, é importante considerar as diversas realidades que os estudantes enfrentam diariamente.

Ao mencionar os pensadores da diferença e a ideia de escola mover-se nas singularidades e ancestralidades, é possível ver uma valorização da diversidade. No entanto, será que essas ideias de escola em movimento podem ser refletidas nas práticas educacionais cotidianas? Por isso, ao borrar ideias representacionais da escola manifesta-se o desejo de transformação e reinvenção. Uma rica obra de arte que pode ser analisada mais profundamente nas dinâmicas educacionais, nas práticas pedagógicas e nas expectativas sociais que respiram no ambiente escolar.

Ao me recordar da Escola Raio de Sol⁵, lembro da vegetação exuberante, das árvores proporcionando sombra e espaço, como as assembleias ocorriam e os alunos eram ouvidos e encorajados a criar métodos para resolver problemas cotidianos da escola. A partir disso, observei que para tornar a aprendizagem mais concreta, realizaram atividades práticas, como a criação conjunta de cartazes. Nesse processo, eu oferecia orientação constante e, ao término, os cartazes eram apresentados e exibidos na frente da sala. Essa prática não apenas incentivou os alunos a se engajarem, mas também os motivou a se envolverem com futuras atividades.

Contudo, o encontro não precisa ser com um/a professor/a. Algo precisa passar; agenciamentos precisam ser feitos; territórios precisam ser ampliados; desterritorializações precisam ser feitas. Um/a professor/a pode ampliar possibilidades de um encontro que produza experiências. Contudo, se o desejo é uma disposição concatenada de elementos que formam um conjunto, uma vez construído, seja qual for a atitude do/a professor/a, quem deseja saberá dispor os elementos rizomaticamente e experimentar os agenciamentos que lhe convenha e produzir experiências (Paraíso, 2009, p. 286).

É por isso que percebi que as atividades, o ambiente estruturado e os professores são importantes, mas acredito que há algo mais profundo e subjetivo que vai além das atividades planejadas e das interações em sala de aula. Portanto, é sobre o desejo intrínseco de aprender e de experimentar outras/novas perspectivas. No agenciamento de conexões que não se limitam às fronteiras da escola. No processo subjetivo de desterritorialização, o conhecimento se expande para além das paredes da sala de aula e se conecta com a vida cotidiana.

Os professores podem desempenhar um papel importante ao fomentar supostos espaços para encontros. No entanto, o verdadeiro impulso vem do desejo pessoal de questionar e conectar-se de maneira única. O desejo permite que os

⁵ Nome fictício usado para a escola que realizei o Estágio Supervisionado II.

elementos do conhecimento sejam dispostos de forma rizomática, formando um conjunto que faz sentido para cada um de nós. Portanto, tanto o reconhecimento da importância das atividades escolares quanto a orientação dos professores, o que se sobrepõe é o desejo de experimentação e de criação.

Ao ter meus encontros com a escola e a sala de aula pude sentir como ela é um mosaico de ideias que se compõem, ou seja, “a experiência é algo que se dá solitariamente, mas que outros vêm cruzá-la, atravessá-la, compor com ela. Na experiência saímos sempre transformados; e o mundo também se transforma” (Paraíso, 2009, p. 286). Minhas experiências na sala de aula são limitadas, são recortes de uma realidade.

Ao fechar os olhos posso ver como em um sonho as escolas que conheci pelo LEPETE, da atividade dobradura do que foi diferente em cada turma e como o planejamento é sempre um roteiro que pode ser mudado no encontro com a turma. Ao contar a história da “revolta dos bichos” criada a partir da produção audiovisual da TV/LEPETE, os estudantes puderam falar de suas impressões, quais animais mais causaram curiosidade e como interpretaram a história.

No meu encontro com o Trajeto, o LEPETE e a Escola pude sentir como cada um deles me afetou e como isso as verdades que são impostas sobre ser professora são sempre construídas e desconstruídas. Apesar de conseguir entender como o meu trajeto acadêmico tem uma base crítica da escola e da sociedade, o LEPETE traz um olhar mais diversificado sobre a realidade escolar. No entanto, nesse encontro com a filosofia da diferença traz um olhar estranho sobre a escola e como no seu cotidiano as afecções, os encontros bons ou maus podem produzir devires, a vontade constante de estar a aprender e a viver.

No fim, todos concordamos que cada gente que habita espaços escolares é um livro cheio de possibilidades e desejo por novas experiências. Enquanto o ônibus chegava ao meu destino me despedi dos meus queridos companheiros de viagem com um sorriso e algumas lágrimas. Eles haviam compartilhado um momento de troca de ideias que, mais do que uma simples conversa, havia sido uma celebração do aprendizado contínuo e da minha autoconstituição de professora que vive encontros durante os quatro anos e meio ao longo do curso de Licenciatura em Pedagogia da UEA/ENS. As lágrimas que alvoreceram foram de um até breve, pois a formação que caminho ainda persistirá em meu devir-professora.

ATÉ UM PRÓXIMO ENCONTRO

No estudo da Filosofia da Diferença pude me desprender de algumas verdades sobre ser professora como um papel fixo e com uma base crítica do mundo. No entanto, é necessário me desiludir da ideia de ser professora como uma profissão que se apresenta como uma representação de transformação. Pois, apesar de entender o devir-professora, os encontros com uma vertente crítica na universidade me fazem pouco desprender das representações de ser professora.

Os objetos dispositivos foram utensílios para ouvir as vozes que ecoam tanto nas paredes da universidade, do LEPETE e da escola quanto em mim mesma. Pois, as minhas representações de ser escola e de ser professora partem desses lugares e dos meus encontros com eles. Assim, eu busquei uma forma de produção de escrita inventiva, ou seja, no conto a repensar e refletir sobre como uma professora em formação se pode vir a existir, quais ideias de escola se fazem nas ideias que carrego.

No entanto, ao constituir as narrativas dos objetos dispositivos (LEPETE, trajeto, escola), pude perceber que apesar de estudar a Filosofia da Diferença e como isso me afetou, minhas bases são sólidas como uma rocha. A representação de ser professora ainda se mantém firme, mas sinto que o chão se torna areoso e sinto abalar pela desconstrução das representações, o rompimento com as verdades estabelecidas.

Na minha jornada de estudo, ao refletir sobre os diferentes modos de vida que coexistem na escola da diferença, cada um respira através dos objetos-dispositivos. Os atravessamentos não se constituíram de forma mecânica, os encontros foram vivos, assim as ideias se entrelaçam em mim e se desfazem à medida que me propus a contorcer a ideia única de um modo de vida da escola ao olhar pela lente da Filosofia da Diferença as múltiplas existências da/na escola.

Ao dar vida aos objetos dispositivos se tornaram agentes que falam e discutem a atividade pedagógica, a forma como o currículo se faz. Meu objetivo era problematizar as ideias de escola a partir da Filosofia da Diferença no encontro dos objetos dispositivos (LEPETE, trajeto, escola) com a professora em formação. Assim, o encontro com os objetos dispositivos e comigo uma professora em formação foi uma oportunidade de ampliar meu entendimento sobre o que significa estar professora e escola. Portanto, com a Filosofia da Diferença problematizei e

construí um conhecimento vivo para minha trajetória como educadora em formação com os diferentes modos de vida que enriquecem e desafiam meu percurso formativo além de ser formada, estar para o devir em formação.

A escola além de um local, mas uma ideia que é atravessada por diferentes seres, cada um produzindo um pensamento diferente. A criação na escola é o que a torna um desenho que compõem tantos aspectos que remetem a uma educação tradicional, crítica ou pós-estruturalista coexistindo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Menino do mato**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2016.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 066–077, 2014. DOI: 10.5902/1983734815111.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, jun. 2013.
- GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 120.
- GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Regina Leite Garcia (Org.). **Diálogos Cotidianos**. 1 ed. Petrópolis: DP et alii, 2010, v. 1, p. 231-246.
- GRISOTTO, Américo. Imagem do pensamento: Deleuze e a filosofia da diferença. **Griot: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 244–254, 2022. DOI: 10.31977/grirfi.v22i3.3022.
- GUERRA, Maria das Graças Gonçalves Vieira.; CUSATI, Iracema Campos.; SILVA, Adilson Xavier da. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: dos conhecimentos e suas histórias. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 03, p. 979-996, jul./set., 2018. E-ISSN:1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.v13.n3.2018.11257.
- LEITE, Lúcia Helena Alvarez.; RAMALHO, Bárbara Bruna Moreira.; CARVALHO, Paulo Felipe Lopes de. Artigo - a educação como prática de liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola. **Educação em revista**, v. 35, p. e214079, 2019.
- LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Nota: Crônica Não entender.
- MELLO, Thiago. **Amazonas: Pátria da Água**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- NUNES, João Arriscado. O resgate da epistemologia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 217-242.

OLIVEIRA, Lidiane Martins de. **(Des)caminhos de um devir-professora**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação. Uberlândia. 2018.

PARÁISO, Marlucy Alves. Currículo, desejo e experiência. **Educação & Realidade**. [S. l.], v. 34, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/9355>. Acesso em: 9 jan. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. -1. reimp – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ZORDAN, Paola. Criação na perspectiva da diferença. **Revista Digital do LAV**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 062–074, 2010. DOI: 10.5902/198373482135.